

Grupo de História

Kleverson Teodoro Lima

Luiz Alberto Sales Vieira

Myriam Bahia Lopes (Coordenação)

Felipe dos Santos e o Morro da Queimada: o personagem e o lugar



As representações na historiografia brasileira da cidade de Ouro Preto a partir do final dos oitocentos contribuíram para a formação de um tema controverso, o da identidade nacional. Nesse sentido foram fundamentais os estudos publicados pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) cujos ecos ainda se fazem sentir na atualidade.

Estudos publicados no IHGB apontavam como “marco na oposição colonial à metrópole e momento importante na construção da nacionalidade” o levante de Vila Rica de 1720 (MAGALHÃES, 1862, apud SOUZA, 1994, 18). Assim como o personagem de Tiradentes tal como é retratado nos textos e na iconografia da história brasileira, Felipe dos Santos é representado como herói nacional e precursor “das nossas reivindicações cívicas” (OLINTO, 1919, apud SOUZA, 1994, 20). Nessa

perspectiva, o antigo Morro de Pascoal da Silva ou Morro da Queimada pode ser enquadrado como um lugar de memória tendo em vista que na trama da história que é repetida por várias gerações nele identificamos vários pontos.

A figura de Felipe dos Santos diferentemente da de Tiradentes não alcançou um consenso nacional. Também é objeto de controvérsia o caráter nativista do movimento de 1720. Segundo Calógeras, “quis e ainda tenta o romantismo histórico fazer de Felipe dos Santos um precursor do patriotismo brasileiro e republicano. Não resiste tal devaneio ao fato de ser o herói muito mais reinol” (CALOGERAS 1945 apud OLIVEIRA, s.d.)

Entre os autores que contestam o caráter nativista da Revolta de Vila Rica (1720) temos BARBOSA, Waldemar de Almeida História de Minas. Belo Horizonte, Comunicação, 1979; CARVALHO, Feu de Ementário da história mineira – Felipe dos Santos Freire na sedição de Vila Rica em 1720. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1904.

Feu de Carvalho ao estudar a revolta pondera:

“Imperam fatos de naturezas diversas e os que dizem patriotas, não admitem que na apreciação dos mesmos, se emitam opiniões contrárias às suas. /Entretanto com máxima franqueza, pesa-nos dizer, o nosso conceito sobre tais acontecimentos, se afasta inteiramente da geral e falsa opinião formada, sem completo conhecimento do assunto./ A razão é natural e simples, não temos outro alvo senão conhecer a verdade documentada dos fatos./ A nossa apreciação será livre, unicamente subordinada a documentação./ Baseados em documentos, colocaremos os fatos nos seus verdadeiros limites, reduzindo às justas proporções os sucessos que tiveram por cenário Vila Rica (CARVALHO, 1933, 13-14)

Estudos recentes abordam a Revolta de 1720 em uma perspectiva social mais ampla. Carla Anastasia descreve a dupla face do movimento. Para a autora de um lado ele apresenta as características da *tax rebellion* ou *food riot*. Ele se coloca contrário ao estabelecimento de novas casas de fundição, dos novos contratos, do pagamento dos direitos de entrada no registro de Borda do Campo e denuncia os abusos de poder do Senado da Câmara. De outro revela uma “soberania fragmentada” perceptível na análise do comportamento dos ouvidores de Vilas, Comarcas e dos oficiais das Câmaras.” (ANASTASIA, 1998, 45-46)

A despeito desses textos elaborados na academia, o personagem histórico Felipe dos Santos segue sendo retratado com as tintas de herói na fala dos guias de Ouro Preto e nos manuais escolares de história do Brasil. E mesmo que o destaque dado ao nacionalismo das diversas rebeliões e revoltas ocorridas nos setecentos e oitocentos não seja mais preponderante na atual historiografia, ele entra no roteiro dos lugares da memória brasileiros. A circulação dos retratos de Felipe dos Santos revela uma doxa do monumento que não se restringe aos feitos da arquitetura e do urbanismo colonial e necessita de um corpo e de um cenário com a estatura do monumento e a força da ação da tragédia.

Referências Bibliográficas:

ANASTASIA, Vassalos e rebeldes: violência coletiva nas Minas na primeira metade do século XVIII, Belo Horizonte, C/Arte, 1998, 45-46.

CARVALHO Feu de Ementário da história mineira Felipe dos Santos Freire na sedição de Vila Rica em 1720 Belo Horizonte, Edições Históricas, 1933

MAGALHÃES, J V Couto de Um episódio da história pátria (1720). Revista do Instituto Histórico e Geográfico Tomo 25, 1862, p 515-543.

MELLO, Evaldo Cabral de A ferida de Narciso: ensaio de história regional. São Paulo, Senac, 2001.

OLIVEIRA, José Teixeira de Dicionário Brasileiro de datas históricas Belo Horizonte, Itatiaia, s.d.

OLYNTO, Antônio “Revolta de Vila Rica de 1720” Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo 85, v 139, 1919, p 443-497.

SOUZA, Laura de Mello e “Estudo crítico” Em Discurso histórico e político sobre a sublevação que nas minas houve no ano de 1720. Belo Horizonte. Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1994, p 13-56.

VASCONCELOS, Diogo de História Antiga das Minas Gerais. Belo Horizonte. Imprensa Oficial, 1904

Esse e os outros textos do site são resumos de textos que serão publicados na íntegra em livro sobre o processo de implantação do Parque Arqueológico do Morro da Queimada.